

*Oneide de Almeida Carvalho
Especialista em Moda e Comunicação
Mestranda em Moda, Cultura e Arte
Em andamento pelo SENAC-SP*

INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DO VESTUÁRIO PARA PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Oneide de Almeida Carvalho

RESUMO

O objetivo deste estudo, com características multidisciplinares, é levantar subsídios para uma reflexão teórico-prática com intuito de contribuir com os portadores de necessidades especiais, partindo da análise acerca do embate entre identidade e auteridade, problematizando o estranhamento a que os mesmos são submetidos quando julgados pela aparência. Pretende-se apresentar formas de inclusão social pelo vestuário com trajes desenvolvidos com características de Design Universal Social, na tentativa de amenizar a exclusão social dos portadores de necessidades especiais, cujas patologias tenham afetado a mobilidade do corpo. Serão estudadas as possibilidades de adaptações na estrutura dos trajes e os cuidados com a estética.

Ao se refletir sobre as conseqüências advindas dos atos e os efeitos das variadas formas de discriminações resultando em exclusão social, partindo do pressuposto de que cada organização (sociedade) categoriza seus membros e seus atributos e considerando ainda comum e natural para um grupo toda forma prevista de comportamentos que permita uma relação social, o indivíduo desperta, nos outros, reações diversas, se ele não se enquadrar em padrões estabelecidos em seu contexto. Este mesmo indivíduo torna-se diferente e, portanto, estigmatizado.

A percepção errônea quanto à condição do portador de deficiência física em relação à sociedade associa o deficiente ao estigma de incapacidade, remetendo para um todo o pensamento de que o indivíduo com mobilidade reduzida não produz, portanto não é aproveitado no contexto em que está inserido, resultando

*Oneide de Almeida Carvalho
Especialista em Moda e Comunicação
Mestranda em Moda, Cultura e Arte
Em andamento pelo SENAC-SP*

com isso em preconceitos que somado aos traumas psicológicos que sofrem causados pela patologia, remetem o portador de deficiência física a uma inércia e reclusão agravando ainda mais essa situação.

A definição da palavra “estigma”, segundo o sociólogo Goffman (2005), provém da civilização grega e foi criada pelos médicos ao referirem-se aos sinais corporais com os quais se procurava evidenciar algo de extraordinário ou de mau sobre o status moral de quem os apresentava. Há três tipos de estigma que podem ser analisados, partindo-se das seguintes situações:

- 1) Consideram-se as variadas deformidades físicas interpretadas pelo grupo como abominações do corpo, levando a acreditar que o estigmatizado não é completamente humano e como conseqüência há o surgimento de diversos tipos de discriminação e a redução das oportunidades de vida para o indivíduo;
- 2) O status moral que o estigmatizado carrega em seu caráter, tais como: vontade fraca, paixões tirânicas, crenças falsas e rígidas, desonestidade e culpa são inferidas como distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, suicídio e comportamento político radical;
- 3) Os estigmas transmitidos por linhagem tribal de raça, nação e religião são passados para os membros da família, submetendo-os a rituais de extremo sacrifício em nome da aceitação e mantendo viva a tradição dos grupos.

Há seres humanos, que, historicamente, vêm submetendo-se, por causa do poder, durante sua trajetória no convívio social, às estigmas que excluíam de forma definitiva alguns corpos que não se enquadram em padrões estabelecidos por eles como os obesos, os negros, as mulheres, os velhos, os cegos, os homossexuais e os aleijados.

Foucault (2002) ao descrever a necessidade de organização da sociedade, no final do século XVIII, cita um sistema unificado de poder urbano de modo coerente e homogêneo. Criou-se um corpo urbano, principalmente por razões políticas e econômicas, prevendo o desenvolvimento das cidades e o aparecimento de uma população operária pobre que, no século XIX, se tornaria o proletariado, com o aumento das tensões devido às diferenças sociais entre ricos

*Oneide de Almeida Carvalho
Especialista em Moda e Comunicação
Mestranda em Moda, Cultura e Arte
Em andamento pelo SENAC-SP*

e pobres, plebe e burgueses. O século XIX, principalmente, pós a revolução industrial, esse arquétipo urbano influenciou os conceitos de beleza e de estética, diferentemente do belo clássico grego ou do renascentista, as teorias positivistas criaram o belo consumista, e o corpo físico passou a ser exaltado e admirado pelo próprio dono como objeto de projeção social. A ginástica, a nudez, as formas retas e delgadas passaram a ser alvo da ambição feminina e masculina na sociedade *urbana*.

Na luta constante entre corpo e poder, a sociedade deixa de exercer o papel de controle, estimulando, por meio de uma exploração econômica, a erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornôs. A publicidade respalda essa ideia: "Fique nu, mas seja magro, bonito e bronzeado". Em contrapartida, esta mesma sociedade, em nome de uma proteção quase médica, dará lugar a aplicações de receitas terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos e a exclusão dos delinquentes, substituindo a eliminação pelo suplício dos métodos de assepsia: a criminologia, a eugenia e a exclusão dos "degenerados". E a moda age como vilã na evolução das sociedades, pois influencia comportamentos e julgamentos, relativizando os conceitos de liberdade e auto-estima.

Na trajetória de discriminação e exclusão, a moda passa a ser vilã quando estabelece padrões de beleza, em nome da inclusão social de grupos privilegiados por descendências e poder financeiro, gerando distâncias entre classes sociais, tendo como consequência a marginalidade daqueles que não se enquadravam nestes padrões, como os velhos, os obesos, os aleijados, os cegos e os afeminados.

No Brasil, mais precisamente em São Paulo, no século XIX, a situação não era diferente, quando a cidade passa por um grande período de crescimento urbano em consequência da explosão demográfica que representou a cultura do café com a imigração dos estrangeiros que, ao chegar no Brasil, eram automaticamente naturalizados, elevando a população em mais de 300%, perdendo apenas para a cidade do Rio de Janeiro que era a capital do país.

*Oneide de Almeida Carvalho
Especialista em Moda e Comunicação
Mestranda em Moda, Cultura e Arte
Em andamento pelo SENAC-SP*

Houve uma aceleração urbana sem planificação, cujo fato aumentou ainda mais as diferenças sociais entre ricos e pobres,(SCHPUN, 2002). A cultura do café trouxe a elite para as metrópoles, organizando-se em grupos fechados, do qual só fazia parte quem possuía influência financeira ou argumentos de descendência com finalidade de inclusão e reconhecimento, agravando ainda mais a situação dos menos favorecidos, tendo em vista que as benfeitorias urbanas favoreciam muito mais à elite.

Com a modernização e a emancipação feminina, as mulheres começavam a se expor com mais frequência, surgindo então novos interesses como, por exemplo, a prática esportiva que, por outro lado, provocava reações por parte de corrente contrária da saúde que alegava fragilidade, delicadeza e o comprometimento da estrutura feminina, estabelecendo regras para os tipos de exercícios e esporte a serem praticados, revelando assim atitude insegura por parte dos homens que se sentiam ameaçados com a liberdade que as mulheres vinham conquistando.

A constante exposição das mulheres a lugares públicos contribuiu para o surgimento do padrão de beleza, com discurso do corpo e rosto, reforçado pela moda, cosméticos e imprensa local, promovendo os critérios de juventude e esbelteza como fundamentais, em que as mulheres exploravam a sedução, estabelecendo através da sexualização formas de aceitação e relegando ao mesmo tempo todos os que não se enquadravam neste padrão de beleza preestabelecido como as pessoas que tinham semelhança com negros, velhos, obesos ou qualquer outra forma física dita “inadequada”.

Com a industrialização, a democratização e a distribuição dos produtos de moda, cosméticos e outros favorecem ainda mais algumas classes sociais, contribuindo para a eclosão de novos conflitos entre homens e mulheres e os marginalizados esteticamente. Os espaços urbanos são reestruturados para benefício de pequenos grupos da elite, limitando e impondo horários, locais e definições de regras morais para a presença das mulheres, enquanto, para os

*Oneide de Almeida Carvalho
Especialista em Moda e Comunicação
Mestranda em Moda, Cultura e Arte
Em andamento pelo SENAC-SP*

homens, estes locais eram usados como identidade coletiva e sociabilidade masculina.

A moda, então como elemento de exclusão social, apresenta-se com requinte de detalhes, variedade na modelagem, a riqueza dos tecidos, o corte, as cores contribuíram para fortalecer a proposta para novos valores, proporcionando formas de leitura do corpo como status, sentimentos, desejos etc. Mas por outro lado, essa forma do vestir trouxe malefícios à saúde da mulher, como foi o caso dos espartilhos que, muito ajustados ao corpo, comprimiam os pulmões e as costelas em direção aos órgãos internos, muitas vezes, perfurando-os.

Tais fatos começaram a gerar muitas críticas contrárias à ditadura da moda como as do sociólogo americano Thorstein Veblen, que coloca a moda como uma das formas nocivas de consumismo e que suas constantes mudanças se explicam pelo desejo eternamente de dependência financeira e ao ócio. (apud RAINHO, 2002.)

Lipovetsky (1989) coloca que a moda vive o presente, acentuando as diferenças individuais através do domínio da produção dos objetos e da cultura, sob o jugo da sedução do uso transitório das diferenças marginalizadas. Diz ele: "Vivemos nos programas curtos, na mudança perpétua das normas, na estimulação para viver imediatamente: o presente erigiu-se em lixo maior da duração social". (p. 265)

A propensão de algumas partes do corpo para se deformar ou envelhecer é comum na espécie humana em vários aspectos, desde os mais primitivos e bárbaros até os mais refinados e civilizados. Porém as alterações ou disponibilidades tratadas neste texto são aquelas performadas não por indivíduos isolados ou com motivos definidos, mas por um considerável número de pessoas que imitam umas às outras de acordo com a moda, tornando-se escravo dela.

As pessoas sacrificam partes do seu corpo, privando-se do conforto, em prol da aparência. Há, ainda, o lado emocional. As pessoas que tornam-se escravos da moda, e parece que há uma maior tendência deste comportamento nas mulheres, perdem a sua identidade e individualidade, pois muitas vezes a sua

*Oneide de Almeida Carvalho
Especialista em Moda e Comunicação
Mestranda em Moda, Cultura e Arte
Em andamento pelo SENAC-SP*

aparência não reflete a sua identidade individual, mas sim aquilo que é imposto pela indústria da moda. Diante de toda essa situação com relação à moda, os portadores de deficiência encontram-se em desvantagem, não só pelas incapacidades derivadas das suas limitações, mas também pelos preconceitos do imaginário coletivo que associam a deficiência à incompetência e muitas vezes a pobreza, situação que se arrasta há séculos .

As diversidades entre as culturas não está só relacionada com sociedades de relações recíprocas, mas também com as divisões de grupos que existe em cada uma delas o que supõem que tanta diversificação contribua para aumentar as diferenças. A diversidade cultural humana não deve ser aceita de maneira rígida e definitiva tendo visto que os homens criam culturas diversificadas quando são afastados geograficamente do seu meio e de sua ignorância diante da humanidade, que nunca se encontra isolada, portanto a diversidade provém menos do isolamento dos grupos, que das relações que os tornam unidos. São inúmeros fatores que influenciam o comportamento das sociedades tanto em suas relações sociais as quais podem ser através das instituições como arte, religião, como também face as relações mútuas de diversidade que as impedem de deslocar-se, em função da importância numérica, afastamento geográfico e meios de comunicação de que dispõem cada sociedade.

O Etnocentrismo constituiu-se como um fator de dificuldade na interação das sociedades, fortalecendo o fechamento em si e em no seu próprio mundo. Conduzindo os grupos para que tivessem um olhar partindo do seu "eu ", colocando-se como centro de tudo, dificultando intelectualmente a forma de pensar as diferenças quanto as classes, gênero e corpo. O fator humano individualista é estabelecido quando o eu interage com determinados grupos por identificar-se através de símbolos que tornam iguais na maneira de vestir de comer, acreditam no mesmo Deus, portanto de grupos que tenham símbolos com significados em comum e que socialmente ignora outro grupo.

Certas atitudes comuns diante dos diversos grupos sociais contam atitudes etnocêntricas que se pratica quando se rotulam as mulheres, os negros, os

*Oneide de Almeida Carvalho
Especialista em Moda e Comunicação
Mestranda em Moda, Cultura e Arte
Em andamento pelo SENAC-SP*

gordos, os nordestinos, os vagabundos, os gays , os velhos, os portadores de necessidades especiais e outros, pré julgando-os, partindo de juízo de valor muitas vezes ideológicos.

Segundo Rocha (1999:7) " Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por sua diferença". Há idéias que se contrapõem ao etnocentrismo, como o da relativização ou seja quando compreendemos o outro nos seus próprios valores e não nos nossos estamos relativizando.

A acessibilidade, um dos maiores desafios para a humanidade atualmente, em seu contexto social urbano, consiste em alertar a sociedade para a necessidade de discutir responsabilidade social. A maneira mais comum de se tratar dessa questão tem sido com inúmeras tentativas de chamar a atenção do ser humano para o problema da falta de inclusão social das pessoas marginalizadas e excluídas. Seja pelas diferenças entre questões relacionadas à força de trabalho entre os gêneros (homem X mulher) quando ambos têm a mesma carga horária, porém o salário da mulher é bem menor. Ou a raça quando o negro, para conseguir vaga em universidade pública precisa declarar sua cor. O pobre, que precisa recorrer a programas assistenciais do governo para conseguir se alimentar ou manter os filhos na escola. No caso dos portadores de necessidades especiais, a quem se destina essa pesquisa, ainda dependem de leis para conseguir algum tipo de benefício.

Mas sabe-se que todas as pessoas portadoras ou não de algum tipo de deficiência têm suas habilidades, potencialidades, direitos e deveres que por inúmeros motivos e situações muitas vezes de espaço físico mal estruturado impõem barreiras de toda ordem. Novos caminhos vêm sendo discutidos para amenizar essa falha de inclusão social dos portadores, uma delas é a "arquitetura inclusiva", são formas de acessibilidade que têm por objetivo colocar as pessoas em contato com as outras, compartilhando o mesmo espaço a que os mesmos têm direitos. Alerta-se, aqui, para as construções que têm degraus na fachada e possuem rampas na lateral gerando condições diferentes, separando as pessoas

*Oneide de Almeida Carvalho
Especialista em Moda e Comunicação
Mestranda em Moda, Cultura e Arte
Em andamento pelo SENAC-SP*

ao entrar e sair do local, deixando de oferecer aos usuários locais comuns, acessíveis a todos juntos e ao mesmo tempo.

Outras mudanças são propostas e os resultados vêm se apresentando gradativamente, porém com mais visibilidade, como é o caso dos espaços urbanos e os meios de transporte, que vêm sendo estruturados para que os mesmos possam locomover-se com maior facilidade. As conseqüências dessas adaptações têm possibilitado um maior deslocamento dessas pessoas que quando têm oportunidade de explorar os espaços adaptados, ganham em independência e auto-estima ao perceberem as inúmeras possibilidades de explorar locais muitas vezes em seu imaginário inatingíveis. Por isso, hoje vemos mais pessoas portadoras de deficiências físicas nas ruas. Com tais mudanças quanto a maior exposição desse segmento que por muito tempo se manteve no anonimato, observa-se que a sociedade passou a enxergar os entraves impostos na vida dessas pessoas e sinaliza com mudanças favoráveis.

Segundo Morton (1926), há a necessidade de estudos científicos sobre as relações entre estética, vestimenta e personalidade. A autora argumenta que pesquisas como esta são capazes de revolucionar o ensino da moda, a consultoria em moda e ainda elevar a moda de uma base intuitiva para uma base científica.

Nessa linha de raciocínio, essa pesquisa justifica-se exatamente por acreditar que uma maior exposição dos portadores de necessidade especiais que, na tentativa de adaptar-se à nova realidade de oportunidades de melhor qualidade de vida como: trabalho, lazer e estudo. Sendo assim, procurará proporcionar vestuário que contribua para maior independência, praticidade e principalmente com cuidado na estética dos trajes, tendo visto que por não encontrarem trajes adequados às suas necessidades compram o que encontram e muitas vezes têm sua imagem comprometida esteticamente se analisarmos a reação do outro pelo olhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Oneide de Almeida Carvalho
Especialista em Moda e Comunicação
Mestranda em Moda, Cultura e Arte
Em andamento pelo SENAC-SP*

LIPOVETSKY, Gilles: **O Império do Efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas, São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

MORTON, G.M. **Psychology of Dress**. Journal of Home economics,18,484-486 (1926)

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A Cidade e a Moda**, Brasília: UNB, 2002.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense,1999. Col. Primeiros Passos.

SCHPUN, Mônica Raisal. **Beleza em Jogo**: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20, São Paulo: Ed Senac, 1999.

FOUCAULT.

*Oneide de Almeida Carvalho
Especialista em Moda e Comunicação
Mestranda em Moda, Cultura e Arte
Em andamento pelo SENAC-SP*